

## ■ Classe e multidão<sup>10</sup>

.....Sandro Mezzadra

1. Um lugar qualquer na Europa. Neste caso, Sevilha, na Andaluzia. Chego cedo, num dia de abril. Vou à Universidade, à Faculdade de Direito, onde participarei de um seminário de professores. Entro no campus, e noto latas pelo chão, papéis espalhados. O que se vê, de fato, é que faz tempo que ninguém dá uma varrida ali. Olhe em volta e vejo uma manifestação de mulheres, com faixas e panfletos. Aproximo-me, falo com elas. Explicam-me que estão em greve. Faço algumas perguntas. São 54, encarregadas da limpeza da Faculdade, todas espanholas de várias localidades. E dizem-me que há ali 17 diferentes tipos de contrato de trabalho: muitas delas têm de renovar semanalmente os contratos.

Continuamos a conversar. São as histórias de sempre do trabalho precário, o labirinto de agências, contratadores, sub-contratadores, sub-sub-contratadores. Uma me conta sobre a irmã, que trabalha num call center: a mesma história. Outra me conta sobre o marido: é operário, mecânico-metalúrgico; por causa da “flexibilidade”, mudam seu turno, seus ritmos e seus horários, com tudo o que isto implica para a vida do casal. Para a vida, em geral. Mas, até nas fábricas o trabalho é cada dia menos “garantido”.

Enquanto isto, chegam os que me haviam convidado para vir a Sevilha: uns estudam, outros trabalham em teses de doutoramento sobre migrações. Faço a minha palestra no seminário e depois começa a discussão. A história do trabalho migrante na agricultura, no sul da Espanha é bem conhecida. Todos lembram do “El Ejido”, o completo e completo *pogrom* contra os marroquinos, em dezembro de 2000. Alguns dos alunos que assistem ao seminário são também ativistas e têm mil histórias para contar: histórias terríveis de racismo e exploração mais uma vez, que acabam para sempre o meu prazer de comer morangos; histórias de perseguição a marroquinos, subsaarianos, poloneses. Mas ouço também histórias extraordinárias de solidariedade e de luta. Contam sobre o SOC (o “Sindicato Operário do Campo”), das relações com militantes dos centros sociais que orga-

<sup>10</sup> Artigo publicado em nov. 2007, “Classe e moltitudine”, apresentação da revista Posse. O artigo pode ser lido, em italiano, em: <http://www.posseweb.net/spip.php?article6>. Tradução Caia Fittipaldi [caia.fittipaldi@uol.com.br](mailto:caia.fittipaldi@uol.com.br).

nizam, há dois anos, o movimento “Mayday Sur”<sup>11</sup> (ver “Os precários do sul se rebelam”, em <http://maydaysur.org/>).

Encontrei o pessoal do Mayday Sur à noite. Muitos estudantes, vários são programadores de computação: o trabalho deles desenrola-se, diariamente, combinando altíssima competência técnica, capacidade para se comunicar bem, para trabalhar em rede, e total incerteza quanto ao dia de amanhã. Alguns trabalham no campo do design, um é arquiteto: as histórias se repetem, definitivamente todas muito parecidas. Mas não há resignação ou conformismo nas vozes que ouço: o que há naquelas vozes é a consciência do quanto uma vida pode ser rica, quando se liberta da necessidade de consumir os dias à caça de salário. Eles falam de seus mil projetos, mediante os quais tratam de prefigurar, e de tornar pelo menos parcialmente possível, desde já, aquela nova vida de liberdade.

2. Sei que este é um quadro ainda muito impressionista. Mas dá uma idéia do que seja hoje a organização do trabalho vivo (para retomar uma categoria marxiana) na Europa. Um labirinto de figuras laborativas, de relações contratuais, de competências, de línguas e de linguagens. Um acervo partilhado de corpos e de cérebros em trabalho. Uma multiplicidade de diferenças, ora impostas como fatores de hierarquização e de divisão, ora reivindicadas, afirmadas e vistas como fatores de riqueza; um impressionante campo de tensões, no qual reivindicações práticas e reivindicações de mobilidade se encontram todos os dias com dispositivos de confinamento, no qual os conflitos e lutas estão sempre na ordem-do-dia mas raramente se comunicam entre si, raramente fazem massa, dão liga.

Nos últimos anos, temos usado o conceito de multidão para descrever este tipo de trabalho. Usamos este conceito, embora de outro modo, para capturar a combinação ambivalente dos dois significados das diferenças de que falei acima. Para indicar a multiplicidade constitutiva e a heterogeneidade da composição contemporânea do trabalho vivo, sem que isto signifique que nos resignamos a oferecer uma descrição melancólica, que só repita os lamentos sobre a atomização do trabalho, com seu corolário inevitável: a nostalgia pelo movimento operário, por uma época quando a classe estava aí, exposta aos olhos de todos.

Não há dúvidas de que aí estão as hierarquias – salariais, e outras –, linhas que dividem o trabalho ao longo de eixos de gênero, de nacionalidades,

<sup>11</sup> *Mayday* é a chamada radiotelefônica de emergência ou socorro, versão anglicizada do francês *m'aidez* (ajude-me!). Utilizada principalmente nas navegações marítimas e aeronáuticas, faz parte do Código Internacional de Sinais e do Código Fonético Internacional (de <http://pt.wikipedia.org/wiki/Mayday>). A expressão *Mayday Sur* equivale, no significado, a “o sul pede socorro”.

de raças (digamos assim, com uma variação num argumento marxiano: não é a mesma coisa, hoje, na Europa, levar ao mercado de trabalho uma pele branca ou uma pele negra). Mas eis aí também uma dimensão social do trabalho, que é uma realidade, a 27 fisicidade da cooperação produtiva, sob a qual as hierarquias e as linhas de divisão estão inscritas, e que contudo constitui o fundo comum a partir do qual os corpos e os cérebros dos explorados produzem riqueza. É muito sutil a linha que separa o indivíduo, átomo isolado de singularidade, vida que se afirma em sua irrepetibilidade, do enraizamento naquele fundo comum: ao falar de multidão interessava-nos reforçar esta linha, imaginar a singularidade enraizada no trabalho capaz de reapropriar-se daquele fundo comum, fazer o trabalho viver na luta e na prefiguração de um outro modo de produzir e reproduzir a vida. Cuidamos de mapear os conflitos, os movimentos, as lutas, destacando este problema fundamental: um novo projeto político, à altura dos que continuamos a considerar a maturidade e a riqueza da composição do trabalho vivo contemporâneo.

3. Acima, falamos dos corpos e dos cérebros dos explorados. Talvez não tenhamos sido bem claros. Corrigindo: a multidão é definida pela exploração. É um conceito de parte, portanto de classe. Indica o conjunto dos sujeitos que, sob diferentes modalidades e em diferentes graus de intensidade, são explorados pelo capital. Sabemos que falar de exploração levanta uma série infindável de problemas: antes de tudo, problemas de mensuração. Não nos ocuparemos disto, aqui. Se for necessário, falaremos disto depois. Por enquanto, cuidemos da centralidade do conceito de exploração que é irreduzível às teorias da justiça de origem kantiana que circulam nos debates político-filosóficos contemporâneos, nas análises da composição do trabalho. Que vida em última instância, pode-se dizer, simplificando um pouco – é marcada pela obrigação, pela coação, de trabalhar para reproduzir-se, e que vida não tem esta marca? No fundo, a questão pode ser posta nestes termos bem simples. Pelo menos, por enquanto. A multidão é composta do conjunto de vidas que são marcadas por aquela obrigação, por aquela coação. E, é claro, a multidão é composta também das mil práticas mediante as quais aquelas vidas vão-se aproximando de livrar-se daquela obrigação, daquela coação.

Com este número da revista, de qualquer modo, recomeçamos do começo. Abrimos uma nova fase de pesquisa e de experimentação política em que nos propomos a perguntar de modo mais estrito o que conseguimos até agora, seja do ponto de vista teórico seja no campo da pesquisa, sobre a relação entre multidão e classe. Recomeçar do começo, é a velha história, não significa voltar ao zero. O capital como relação social, não como “coisa”: este potentíssimo ‘insight’ marxiano continua a guiar nosso trabalho. Pretendemos reconstruir os muitos modos

mediante os quais aquela relação social chamada capital reproduz-se na realidade contemporânea: as várias modalidades mediante as quais o capital 28 captura o trabalho; as práticas de resistência e de adesão que correspondem a cada uma daquelas modalidades; as lutas mediante as quais se expressa a tensão de andar ‘diferente’ em relação ao capital. Digamo-lo com elegância: a tensão de andar para destruí-lo.

Queremos também propor alguns problemas absolutamente concretos, do ponto de vista político. O projeto poderia chamar-se “A Formação da Multidão Européia” (como homenagem a E.P. Thompson<sup>12</sup>). Recolhemos, do grande historiador inglês, a idéia de que o processo de formação da classe operária foi processo complexo e contraditório. Aprendemos com ele que a classe jamais foi “uma coisa”, que a classe não existe fora do seu fazer-se classe (do seu devir classe?<sup>13</sup>). E este fazer-se (este devir?) é sempre duplo: pode-se estudá-lo do ponto de vista do capital e do ponto de vista do trabalho vivo. No fundo, é o duplo ponto de vista ao qual se referia a distinção operaista entre a composição técnica e a composição política das classes. Ver, de um lado, as modalidades mediante as quais o trabalho é 28 capturado e disciplinado pelo capital; de outro lado, as lutas, os comportamentos, as formas de organizações mediante as quais se expressa o “trabalho como subjetividade”: isto é o que queremos continuar a fazer.

Partimos da idéia de que queremos compreender cada vez mais claramente que direitos podem ter hoje a função que tiveram os direitos políticos no Cartismo<sup>14</sup>, na reconstrução de Thompson, para o fazer-se da classe operária industrial

<sup>12</sup> Referência a THOMPSON, E.P., *A formação da classe operária inglesa* (3 vol.) Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989-1997.

<sup>13</sup> No orig. “che la classe stessa non esiste al di fuori del suo farsi”. Há aí um interessante problema de tradução *versus* teoria. Duas traduções são possíveis: “a própria classe não existe fora do seu fazer-se classe”; e “a própria classe não existe fora do seu devir-classe”. A escolha entre as duas fórmulas depende exclusivamente de escolher-se um campo teórico.

<sup>14</sup> Cartismo (também dito “A questão democrática”, em Thompson, op. cit.) é movimento do final da década de 1830; considerado o primeiro movimento independente da classe trabalhadora britânica, exerceu forte influência sobre o pensamento político durante os dez primeiros anos do governo da rainha Vitória, na Inglaterra. O nome do movimento teve origem na “Carta do Povo”, principal documento de reivindicação dos operários que foi escrito como resposta ao *Reform Act*, lei eleitoral que proibiu os operários do direito do voto, no Projeto de Reforma em 1832. A “Carta do Povo”, enviada ao parlamento em 1838, trazia as seguintes reivindicações: sufrágio universal masculino, pagamento aos deputados, votação secreta, parlamentos anuais, igualdade dos distritos eleitorais e supressão do censo. A estratégia utilizada pelos cartistas girava em torno, principalmente, da coleta de assinaturas, realizadas nas oficinas, nas fábricas e em

na Inglaterra; que garantias podem e devem ser conquistadas para consolidar um terreno de convergência para a figura do trabalho tão heterogêneo como o que se vê hoje; que novas instituições podem articular aquele terreno de convergência. Queremos, em resumo, trabalhar coletivamente e de modo aberto e problematizante, para uma nova teoria da organização.

Com relação ao espaço, propomo-nos a trabalhar no espaço europeu. Isto não significa que só pensaremos a Europa nos próximos números da revista. Estamos de olhos postos no mundo, o mundo “grande e terrível”, para usar a expressão de Gramsci, o mundo cada vez mais unificado e sempre mais dividido no qual vivemos. O espaço europeu de que falo aqui, o espaço que consideramos nas análises da composição do trabalho que oferecemos neste número, é o espaço a ser politicamente conquistado pelos movimentos, aqui e agora, para articular um projeto de transformação radical do existente, considerado o nosso presente global. Este espaço não coincide com o espaço da União Européia: é um espaço provincializado e ligado a outros espaços pelos movimentos migratórios, é um espaço cuja heterogeneidade e aleatoriedade temos de começar a avaliar. É o espaço, em todos os casos, no qual é indispensável reinventar a liberdade e a igualdade, como condições para convergências ainda inéditas, para novas composições políticas entre multidão e trabalho.

■.....Sandro Mezzadra é pesquisador na Universidade de Ciências Políticas Bologna, na área de estudos coloniais e pós-coloniais e fronteiras da cidadania. É autor de “Diritto di fuga. Migrazioni, cittadinanza, globalizzazione” Verona: ombre corte 2007 (ed. atualizada; 1ª ed. 2001) e um dos animadores da Universidade Nômade.

---

reuniões públicas, através de uma série de Petições Nacionais enviadas à Câmara dos Comuns. (De: <http://www.historia.uff.br/nec/CARTISMO.htm>)